

O Carnaval no Rio de Janeiro do Começo do Século XX

Lígia Ferro



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1746>

DOI: 10.4000/pontourbe.1746

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Lígia Ferro, « O Carnaval no Rio de Janeiro do Começo do Século XX », *Ponto Urbe* [Online], 4 | 2009, posto online no dia 31 julho 2009, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1746> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1746

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.

© NAU

O Carnaval no Rio de Janeiro do Começo do Século XX

Lígia Ferro

REFERÊNCIA

GONÇALVES, Renata de Sá. Os Ranchos Pedem Passagem. O Carnaval no Rio de Janeiro do Começo do Século XX. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. 295 p.

- 1 O título do livro exprime bem o tema sobre o qual versa: o processo dinâmico de constituição de um tipo de agrupamento carnavalesco específico – os ranchos – enquadrado no panorama geral dos festejos carnavalescos cariocas do início do Século XX. A autora dá corpo a uma abordagem antropológica e sócio-histórica (partindo claramente de uma perspectiva construtivista), viajando graciosamente entre escalas: desde a escala “micro”, analisando a formação de um tipo de agrupamento carnavalesco específico no plano das sociabilidades informais, à escala “meso” no âmbito da qual se perspectiva a formalização das primeiras associações carnavalescas e à “macroescala”, enquadrando esse processo no horizonte mais lato do carnaval carioca (onde coexistiam não só diversos agrupamentos, como também variadas formas de participação nesses agrupamentos), da cidade do Rio de Janeiro e do contexto de uma nação como o Brasil. Roberto DaMatta viu o carnaval como “espaço e tempo de “manobra social” e Gonçalves mostra como se estrutura essa “manobra social” por meio da análise da constituição do sistema dos ranchos em relação com o surgimento de uma nova configuração urbana do Rio de Janeiro no começo do século XX.
- 2 O caso dessa formação cultural – os ranchos - é tido como recorte para entender o modo como se desenha uma “certa cultura popular carioca”, configurando-se através da “relação, do compartilhamento de um conjunto heterogêneo de valores e de estilos de vida que teve, na festa carnavalesca, importante ponto de referência.” (p. 37). A singularidade desta obra consiste, do nosso ponto de vista, no relacionamento estabelecido entre a configuração e desenvolvimento da referida forma de cultura

popular e o processo de constituição urbana da cidade do Rio de Janeiro no começo do século XX.

- 3 Esse trabalho revela o compromisso da antropóloga com uma visão holista dos processos sociais: para entender essa problemática mais vasta, a autora articula dimensões tão variadas como as combinações possíveis entre espaço e tempo, o cariz social e colectivo do processo artístico (baseando-se em Becker), as relações de gênero, os processos de competição, as múltiplas hierarquizações em jogo (intra e extra agrupamentos), os procedimentos de negociação entre atores e grupos, as vivências dos quotidianos festivos carnavalescos, a influência do poscolonialismo nesse panorama, a constituição de regras e condutas de “civildade urbana”, etc. A pesquisadora foca os processos de concorrência, competição e negociação que permearam a constituição destas pequenas sociedades envolvidas num “jogo social”, no sentido que lhe deu Norbert Elias. A obra bebe ainda do conceito de “facto social total” de Marcel Mauss, na medida em que são consideradas as coisas sociais concretas como elementos dançantes de um todo que está na parte e de uma parte que está no todo, em relação cambiante com todas as partes.
- 4 Através da leitura da primeira parte da obra damos-nos conta que a análise da constituição dessas formações culturais – os ranchos – num plano nacional é feita em íntima articulação com a questão da identidade nacional associada ao desenvolvimento das festividades carnavalescas. A relação entre a formação dos ranchos no Rio de Janeiro e em Salvador da Bahia é também a florada de forma extremamente pertinente, desmistificando claramente a polémica (frequentemente essencialista) respeitante à origem dos ranchos carnavalescos. Através da análise histórica, a autora remonta inclusivamente aos ranchos pastoris, destacando o cunho colonial dos mesmos (de origem portuguesa e espanhola) e a influência que eles terão tido numa fase inicial de constituição dos ranchos cariocas.
- 5 O “recorte temporal” alvo de análise sistemática situa-se entre os anos de 1894 e 1941. Concretamente, a primeira data corresponde ao surgimento do primeiro rancho e a segunda à extinção do último agrupamento carnavalesco deste tipo. Os relatos dos cronistas da época foram a fonte primordial do trabalho de Renata Gonçalves. Neles, a antropóloga encontrou a melhor via para proceder a uma (re)construção histórica do nascimento e desenvolvimento dos ranchos. Os cronistas desempenharam um papel fulcral na definição e classificação dos agrupamentos carnavalescos e, conseqüentemente, na formulação de uma determinada visão da “cultura popular”. O trabalho de análise das narrativas dos cronistas que vivenciaram a realidade dos ranchos através de uma observação participante “permite perceber o diálogo que se instaura entre os diversos atores que constituíam a cidade” (p. 73).
- 6 A abordagem de Gonçalves é minuciosa, considerando os relatos como unidades em relação e não como dados isolados. As narrativas são contextualizadas e encaradas como indicadores de significações e de valores sociais, através de uma perspectiva etnográfica de interpretação dos textos. É feita uma análise das circunstâncias de vida materiais dos cronistas, num esforço de enquadramento das condições de produção dos relatos dos cronistas que contribui em grande medida para a clareza do trabalho apresentado.
- 7 A autora isola três situações históricas nas quais os relatos dos cronistas são estudados sistematicamente. Falamos dos “dramas sociais” que marcaram o processo de constituição dos ranchos, que permitiram identificar e analisar os conflitos e negociações que basearam seu desenvolvimento. A abordagem dos “dramas sociais” de Victor Turner encontra na obra de Gonçalves uma aplicação que se revela extremamente heurística: ao isolar três casos a antropóloga esteve em óptimas condições para realizar uma

“etnografia histórica” a partir dos relatos dos cronistas do *Jornal do Brasil*. Esses cronistas se constituíram como verdadeiros mediadores na formação dos ranchos cariocas do final do século XIX e início do século XX. Os três recortes históricos se situam em 1919 (“o caso dos itinerários”), em 1926 (“o dia dos ranchos”) e em 1933 (“o caso do auxílio aos ranchos e blocos”).

- 8 O conceito de “drama social” ganha nesta obra novos contornos, considerando que a antropóloga o adapta às sociedades urbanas, nas quais existe uma multiparticipação social em vários grupos que partilham de códigos distintos, nem sempre coincidentes (p. 81). Falamos de uma análise situacional de três casos com a intenção de analisar aprofundadamente o “sistema dos ranchos” e as correlações estabelecidas com o “sistema social” mais amplo. Desta análise surgem os três focos de estudo deste trabalho: as temporalidades, as territorialidades e as sociabilidades analisadas no Rio de Janeiro do começo do século XX (p. 144).
- 9 Ao longo da leitura torna-se estimulante conhecer as diferentes estratégias dos grupos sociais formais e informais face aos poderes públicos na folia carnavalesca. Esses agrupamentos entram num jogo de conflitualidades, mas, também, de negociações com as instâncias públicas, revelando o espaço de manobra que existe ao nível microsocial. A «viagem» entre escalas é exímia: a revelação das “pequenas” estratégias dos agrupamentos carnavalescos é feita em estreita articulação com a análise das grandes decisões políticas de apoio ao carnaval brasileiro pelo Estado numa lógica de reforço da «competição cultural e identitária» entre o Brasil e a Argentina.
- 10 A regulamentação dos ranchos, consistente na legalização e registo obrigatório dos mesmos, inicia aquilo que a autora chama de processo de “associativismo nos moldes modernos” (p. 144). As rivalidades entre as “sociedades carnavalescas” descrevem a força do tecido associativo do Rio de Janeiro no começo do século XX. A segunda parte da obra trata especificamente do “sistema social do processo de formação da cidade do Rio de Janeiro cujas fronteiras entre externo e interno, colectivo e individual estão expressas no espaço, no tempo e nas relações sociais” (p. 144). A pesquisadora passa assim a explicitar como “o movimento dos ranchos sinalizará não apenas os limites espaciais, como também expressará uma dinâmica social onde as identidades dos bairros, das ruas, dos subúrbios se definem gradualmente (p. 144). São ainda estudados os elementos plásticos como parte do processo artístico de acção colectiva e as estratégias de obtenção de financiamento e auxílios.
- 11 O grande esforço de comparação histórico-antropológica leva a autora aos paralelismos existentes entre os ranchos carnavalescos e as escolas de samba que tão bem conhecemos actualmente. Os ranchos terão sido “a primeira manifestação carnavalesca, diversa, heterogénea e «popular» da República” (p. 181), base do nascimento das escolas de samba. As duas formações – ranchos e escolas de samba – desempenham, um papel semelhante na sociedade brasileira, principalmente no que diz respeito à “contínua relação, sempre tensa, entre os aspectos internos de seu sistema (...) e os aspectos externos” (p. 184). Depois da contextualização dos ranchos, Gonçalves concentra-se na estruturação complexa do rancho num desfile, ou seja naquilo que ela chama dos “ranchos vistos por dentro”, com os seus “cortes principais: o aspecto dramático, o plástico-coreográfico e o musical” (p. 187), demonstrando uma preocupação de análise formal e simbólica.
- 12 A pesquisa de Gonçalves revela como é fundamental pensar o espaço social em relação com o espaço físico. O espaço dos clubes, das Grandes Sociedades carnavalescas, era frequentado pelas elites, enquanto a rua, lugar dos desfiles das pequenas sociedades, era

um campo muito mais heterogêneo, no qual participavam várias camadas sociais da população do Rio de Janeiro. Através da leitura desta obra podemos perceber a cidade do Rio como um espaço separado por duas divisões: a “zona sul”, onde imperavam as classes altas e a “zona norte e subúrbios”, espaço por excelência das classes mais desprivilegiadas. A Avenida Rio Branco, ainda hoje a principal artéria do Rio de Janeiro constituía-se, já nessa altura, como o espaço central urbano onde se encetavam as trocas culturais entre os vários estratos da população.

- 13 Talvez o capítulo mais interessante seja o quinto da segunda parte da obra: a antropóloga se centra nas territorialidades entendidas como um sistema de classificação social, auxiliando-se teoricamente na noção de “região moral” de Robert Park. Ela identifica os grupos carnavalescos que disputavam o espaço das ruas cariocas, analisando suas estratégias variadas. Como refere, “marcar espaço era ocupar lugares sociais nesse sistema social” (p. 215). Seria o que Pierre Bourdieu chamaria de “efeitos de lugar” (Bourdieu: 1999 [1993], p. 159).
- 14 O “pequeno carnaval” (constituído pelos ranchos e cordões) ficava circunscrito nos limites dos bairros, contrariamente às Grandes Sociedades que celebravam o carnaval com sumptuosos cortejos no centro da cidade (p. 220). Todavia, a autora identifica uma “circularidade da dinâmica territorial e social dos ranchos”, isto é, o local de origem do rancho e o centro da cidade eram, com a mesma intensidade, lugares de celebração. Essa constatação leva Gonçalves a falar numa “dinâmica estrutural centrípeta” formada a partir da festa carnavalesca (p. 204).
- 15 Apesar de haver dinâmicas de separação territorial, a antropóloga alerta para a complexidade das fronteiras entre os grupos e as organizações carnavalescas que não pode ser reduzida a binómios como “salão / rua”, “carnaval isolado / carnaval das sociedades” ou “carnaval interno / externo” (p. 229). Nesse sentido, será necessário entender a concomitância de dois movimentos territoriais: o que marcava a distinção entre a casa e a rua (actividades internas e externas, públicas e privadas) e o que pautava a expansão dos bairros, sendo que estes se faziam representar enquanto parte da cidade, “ampliando sua rede de circulação” tanto espacial quanto de relações sociais (p. 230).
- 16 Passando das espacialidades para as temporalidades, Gonçalves abre o terceiro acto desta obra com a identificação dos dois tempos do carnaval dos ranchos. Por um lado, o “tempo histórico” caracterizado por uma continuidade progressiva no qual lugares e indivíduos “se constroem e são construídos”. Por outro, o “tempo festivo” “aquele, em que por meio do desfile dos ranchos, temas, homens de épocas históricas longínquas (...) se tornam contemporâneos dos habitantes do Rio de Janeiro e dos seus temas urbanos, os actualizando (p. 237). Assim, a manifestação dos ranchos remete-nos para uma “circularidade” temporal relacionada com a noção de “autenticidade”, de “espontaneidade” e “naturalidade” das expressões culturais populares (p. 237).
- 17 A construção de uma “determinada qualificação da cultura popular” legitimava, na altura, aquilo que a autora designa como “grupos médios”, intermediários entre os grupos de elite e os grupos “destituídos de educação e civilidade” (p. 238) O conceito de cultura popular não era propriedade de uma única camada social, mas de uma “interacção entre segmentos sociais e níveis de cultura diversos” (p. 245). A diversidade nas formas de participação carnavalesca e, conseqüentemente, na construção colectiva da noção de cultura popular relacionava-se estreitamente com “um determinado grau de adesão à experiência urbana” (p. 243). Nele se baseou a construção da “cultura urbana” carioca que marcou uma distinção entre o contexto social do começo do século XX e a vivência do

século XIX, “onde as relações entre níveis sociais eram menos fluidas” (p. 247). A cultura popular ganhou um “lugar de primeira ordem de boa música popular”, ou seja, aquela que serve de referência para músicos de outros níveis sociais, de gostos até mais “sofisticados”. Os músicos atuando nos ranchos se tornaram porta-vozes da cultura popular carioca e atores de uma matriz cultural de referência, representada como o modelo autêntico, genuíno.

- 18 Os cordões, os blocos e os foliões “avulsos”, grupos de organização mais informal, desempenharam um papel importante na medida em que demonstraram que a “agregação social é obrigatória no carnaval, unindo inclusive os “avulsos” e os grupos informais em uma única coletividade” (p. 255). Uma estrutura social menos segmentada, mais inclusiva e expansiva como a dos ranchos permitiu fazer uma mediação da passagem de “uma sociedade mais «hierarquizada» ” para uma “sociedade mais «moderna»” (p. 259) e, portanto, mais urbana.
- 19 Um dos traços inovadores do trabalho de Gonçalves consiste na maneira como ela analisa uma formação cultural já extinta – os ranchos, tendo em conta a sua importância política e as consequências da mesma na construção da sociedade e da cultura popular urbana. Essa pesquisa mostra como o estudo das mudanças sociais e da constituição de novas configurações e de relações sociais precisa de ter em conta as sociabilidades informais.
- 20 A comparação metódica entre este agrupamento e outros presentes na cena da folia carnavalesca baseia-se nas similitudes entre os mesmos mas também nas especificidades de cada um. Os ranchos eram caracterizados por vários elementos que lhe conferiram singularidade: o “cortejo linear”, o “enredo”, e a “música” (as músicas tocadas e cantadas nos ranchos não acompanhavam o tema proposto pelo enredo) (p. 266).
- 21 No sétimo capítulo a antropóloga se centra no desaparecimento dos ranchos mas tem como horizonte mais alargado da discussão a questão clássica da “duração” das formas culturais ou, da sua “permanência” versus “decadência”. A conclusão surpreendente da antropóloga faz-nos pensar ainda mais atentamente na importância da informalidade para a vitalidade de determinadas formas culturais. A partir do momento em que os ranchos são tornados oficiais com a fundação da Associação dos ranchos carnavalescos em 1933, se inicia seu processo de desgaste, culminando com seu desaparecimento em 1941.
- 22 A oficialização dos ranchos levou a dificuldades que os condenaram ao seu fim. Nomeadamente, a criação de uma Federação incluindo as pequenas e as grandes sociedades levou a um condicionamento das prioridades das primeiras face aos interesses dos grandes clubes. A imposição da cobrança de ingressos limitou também a participação ampla e heterogênea da sociedade carioca no “pequeno carnaval”, sentenciando os pequenos grupos carnavalescos como os ranchos à morte. A estes factores juntam-se a progressiva falta de apoio financeiro por parte dos comerciantes e dos poderes públicos, à medida que os custos dos desfiles aumentaram.
- 23 Os ranchos construíram-se com um status de «pureza» e «autenticidade» particulares. A autora refere que o “elo emocional” existente entre a sociedade carioca e os ranchos se perpetuou nas escolas de samba, “compreendidas, nesse sentido, como uma atualização dos ranchos” (p. 273). Por outro lado, esse “elo emocional” concretizou-se com a «ressurreição» do Rancho Flor do Sereno que desfilou em 2001 e 2002 na Avenida Atlântica.
- 24 É interessante tomar conta dos conflitos de definição em torno da noção de rancho que surgiram aquando da organização desse desfile. O confronto entre gerações levou a uma

discussão assente em ideias de autenticidade e pureza e o seu estudo levanta pertinentes questões que, por questões de limitação temporal e de meios, a antropóloga não pode desenvolver profundamente nessa pesquisa. Atualmente, os ranchos continuam preenchendo um espaço específico no âmbito mais vasto das comemorações carnavalescas: eles se distinguem das escolas de samba, cujos desfiles se tornaram privilégio das camadas sociais com maior poder financeiro, mas também dos blocos de carnaval de rua, os quais são mais amplamente participados mas também menos construídos de um ponto de vista artístico.

- 25 A negociação perpassa toda a obra: a autora foca vários processos de negociação em torno de definições e de situações no processo de constituição do sistema dos ranchos. Mais do que ver só competição e polarização nestes processos sociais, a antropóloga consegue analisar os espaços abertos, híbridos, incertos da vida social, os quais têm uma importância muito maior do que lhe é comumente atribuída nas Ciências Sociais.
- 26 Concluindo, a autora sublinha a prática carnavalesca ritualizada como expressão das negociações entre temporalidades, territorialidades e sociabilidades, tendo conciliado a ideia de nação com a ideia de metrópole. “Os ranchos pedem passagem” na obra de Renata de Sá Gonçalves premiada pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e publicada pela mesma entidade. Mas mais do que os ranchos diríamos que é o carnaval carioca do começo do século XX no seu todo que “tem a passagem”. Tomando o caso de uma forma cultural popular – os ranchos – a autora ilumina o contexto mais vasto das expressões populares carnavalescas e o processo de constituição urbana do Rio de Janeiro.

27

AUTOR

LÍGIA FERRO

Pesquisadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES) - Programa Internacional de Doutoramento em Antropologia Urbana (PRODAU-ISCTE), Lisboa.